

BILINGÜISMO E EDUCAÇÃO BILÍNGÜE KAIOWÁ/GUARANI, L1 - PORTUGUÊS, L2 NA RESERVA INDÍGENA DE CAARAPÓ/MS

Antonio José Filho*

INTRODUÇÃO

A proposta de uma educação escolar diferenciada indígena, com base nas atividades interculturais e no bilingüismo tem respaldo na Constituição de 1988. O parágrafo 2º do artigo 210 assegura às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processo próprio de aprendizagem. O Decreto nº 26, de 04 de fevereiro de 1991 atribui ao Ministério da Educação competência para coordenar as ações referentes à educação indígena em todos níveis e modalidades, ouvida a FUNAI.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, nos seus artigos 78 e 79 “Das Disposições Gerais”, regulamenta e norteia a educação indígena no Brasil.

A Portaria Interministerial n. 559, de 16 de abril de 1991, dispõe sobre:

“uma educação escolar indígena de qualidade, laica e diferenciada que respeite e fortaleça seus costumes, tradições, línguas,

* Especialista em Língua Portuguesa pela PUC/MG. Mestre em Ciência pela Escola Pós-graduada de Ciências Sociais/SP. Coordenador do Subprograma Educação Indígena Diferenciada.

*processos próprios de aprendizagem e reconheça suas organizações sociais; que o índio tenha acesso ao conhecimento e domínio dos códigos da sociedade nacional; o ensino bilíngüe nas línguas materna e oficial do país; atendido os interesses de cada grupo indígena em particular; que no processo de reconhecimento das escolas destinadas às comunidades indígenas, sejam consideradas na sua normalização as características específicas da educação indígena no que se refere a: a) conteúdos curriculares, metodologias e avaliação, adequados a realidade sociocultural de cada grupo étnico; b) **materiais didáticos para ensino bilíngüe**, preferencialmente elaborados pela própria comunidade indígena, com conteúdos adequados às especificidades socioculturais das diferentes etnias e à aquisição do conhecimento universal”¹.*

No âmbito das propostas para a educação indígena, contempladas pela legislação vigente, destaquei o bilingüismo e a educação bilíngüe para a realização de estudo e relato de uma prática pedagógica, tendo como objetivo principal desse estudo uma experiência de alfabetização na Língua Guarani e iniciação do Português como segunda língua, realizada na Escola Municipal Nhadejara no Município de Caarapós/MS no ano de 1997.

Atuaram diretamente como agentes desencadeadores dessa experiência², os professores índios, Ládio Veron, trabalhando com

¹ O decreto n. 26, de 04 de fevereiro de 1991, atribui ao Ministério da Educação, competência para coordenar as ações referentes à educação indígena em todos os níveis e modalidades de ensino ouvida a FUNAI. A Portaria Interministerial, n. 559, de 16 de abril de 1991, expedida pelos Ministério da Educação e Ministério da Justiça, regulamenta o cumprimento do referido Decreto Presidencial.

² A realização dessa experiência em alfabetização na língua materna teve apoio administrativo da Prefeitura Municipal de Caarapó, coordenação técnica e apoio financeiro do Programa Kaiowá/Guarani da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, ficando as ações educativas sob a responsabilidade do Colégio de Educação Indígena da Grande Dourados, do qual são parceiros, a Universidade Católica Dom Bosco, através do programa acima mencionado, o Conselho Indigenista Missionário -CIMI e o Centro Universitário de Dourados CEUD/UFMS.

duas turmas de primeira série classes A e B; e Eliel Benites, com uma turma, também da primeira série, classe C.

Como membro integrante do Colegiado de Educação, vinculado ao Programa Kaiowá/Guarani da Universidade Católica Dom Bosco, atuando diretamente nas questões lingüísticas, acompanhei de perto a realização dessa experiência, presenciando o desencadear do processo e a relação professor-aluno em sala de aula, num total de dez horas, em dias alternados, durante os meses de setembro, outubro e novembro de 1997. Deste total de dez horas, oito das quais acompanhei o trabalho do professor Ládio Veron e duas, o trabalho do professor Eliel Benites.

Neste período as crianças já estavam lendo, produzindo textos na Língua Guarani e fazendo análise lingüística.

Surgiram então as dificuldades próprias que envolvem os fatores da textualidade, tais como: *“pragmaticidade textual, que tem a ver com seu funcionamento enquanto atuação informacional e comunicativa; semântico-conceitual, de que depende sua coerência, e formal que diz respeito à sua coesão”*³.

Tais dificuldades, com as quais se deparavam os alunos no momento em que produziam textos, foram trabalhadas satisfatoriamente pelos professores.

A realização dessa experiência, bem como, a utilização de metodologias específicas da concepção interacionista de língua, está explicitada no terceiro capítulo tendo em vista que no primeiro capítulo, explícito o conceito do bilingüismo. No segundo argumento sobre o ensino bilíngüe e no quarto capítulo comento sobre a escrita Guarani e a problemática ortográfica, de modo a justificar as divergências na escrita.

³ A análise lingüística dos textos produzidos pelos alunos teve como embasamento a literatura que contempla a concepção interacionista de língua. Além de trabalhar a gramaticalidade e sentido do texto, preocupou-se com a pragmaticidade, de modo a atender os preceitos da sociolingüística e da lingüística textual.

BILINGÜISMO

O bilingüismo ocorre em um indivíduo, cujas condições culturais e sócio-econômicas se inter-relacionam perfeitamente em duas sociedades e culturas, onde ele fala as duas línguas e a elas atribui igual valor.

Este valor que se atribui às línguas pode ser entendido sob dois aspectos: lingüístico e social. Com relação ao aspecto lingüístico, constata-se que o falante bilíngüe da reserva do município de Caarapó se expressa com desenvoltura equânime nos dois idiomas, tanto no Guarani, quanto no Português. Comunica e se interaciona com outro falante bilíngüe usando uma ou outra língua, sem grandes perdas semântico - conceituais, a não ser quando usa estrutura e código de uma língua para expressar mensagem, cujo significado está atrelado a uma situação de pragmaticidade da outra.

Portanto, no que diz respeito aos atos de fala e interação verbal na modalidade oral, há perfeito equilíbrio e por conseguinte, atribuição de valores iguais.

No entanto, quanto ao aspecto social emergem alguns fatores, dos quais, a seguir explicito dois, que provocam desequilíbrio de valor, secundarizando a Língua Guarani em relação à Língua Portuguesa. Em primeira ordem destaco a questão da Língua Guarani: na região delimitada não há produção escrita que documente a história e outros fatos do povo, para que hoje, índios e não índios possam avaliar a importância desse segmento étnico na formação da cultura brasileira.

Por outro lado, o ato discriminatório da sociedade envolvente em relação ao índio, acaba sendo transferido para a língua, razão pela qual a Língua Guarani, que tem uma contribuição respeitável na formação do léxico brasileiro, principalmente nas regiões habitadas pelo povo Guarani, acaba por não ser nem lembrada na educação formal da sociedade envolvente.

ENSINO BILÍNGÜE

O ensino bilíngüe caracteriza-se pelo emprego de metodologias didáticas, em que se utilizam duas línguas para transmissão e recepção de conhecimentos. Especialmente neste estudo, trabalha-se com a Língua Guarani e a Língua Portuguesa, ambas faladas pelos índios adultos da reserva indígena Caarapó.

Porém, a preocupação que se deve ter de imediato é a de não se confundir ensino bilíngüe com alfabetização bilíngüe. O ensino bilíngüe só poderá ocorrer após ter sido a criança alfabetizada em uma única língua, de preferência, a materna. Alfabetiza-se uma só vez e em uma única língua. Deste modo, a introdução da segunda língua, deve ocorrer somente quando estiver a criança, lendo e escrevendo na primeira língua. Isto não significa que a criança não deva aprender na oralidade a segunda língua, ao contrário, ela deve ser estimulada a falar a segunda língua, que neste caso é a Língua Portuguesa, estando assim se preparando para a aprendizagem da escrita desta língua.

É na modalidade escrita, que se entende didaticamente plausível a introdução da segunda língua após a alfabetização, tendo em vista, a semelhança entre os grafemas utilizados nas duas línguas, Guarani e Português e a vantagem que tem a criança de já expressar na oralidade uma quantidade razoável de fonemas da Língua Portuguesa⁴.

Por outro lado, há de se considerar que a aprendizagem de uma língua não se dá num vácuo, mas num ambiente sociocultural específico, com características próprias, onde a língua é o elemento de interação sociocomunicativa eivada de pragmaticidade. Por isso, não basta apenas falar uma língua para atribuir significado ao que ela

⁴ O termo razoável está sendo utilizado porque não houve quantificação, mas observação.

representa, é preciso vivenciá-la. O ensino bilíngüe, embora, obviamente, veiculado através de duas línguas, assegura as peculiaridades e características sociolingüísticas próprias de cada uma delas.

EXPERIÊNCIA EM ALFABETIZAÇÃO NA LÍNGUA GUARANI

O termo experiência aqui utilizado significa experimento, experimentação e não prática de vida. Trata-se de uma realização experimental de alfabetização em Língua Guarani, usando metodologias próprias, aplicadas de modo a atender, na medida do possível, os preceitos da sociolingüística.

O trabalho dos professores, Ládio e Eliel, estes já citados anteriormente neste estudo, constitui um marco inicial de alfabetização na Língua Guarani na reserva indígena do município de Caarapó, que poderá servir de referência para outras reservas dos municípios que formam a microrregião da grande Dourados.

Entendo que a argumentação do parágrafo anterior, justifica o registro dessa atividade como relato de experimento científico.

Antes de iniciar o relato da atividade anunciada, devo esclarecer que existem escolas em todas as reservas indígenas dos municípios da grande Dourados, porém, em aproximadamente 95% das classes de primeira série, as crianças são alfabetizadas em Português.

Antes, porém, de iniciar a observação sistematizada da experiência acima referida, com base nos pressupostos metodológicos da pesquisa qualitativa, mais precisamente, no dia 15 de agosto de 1997, observei uma prática da alfabetização de crianças índias, em Português. Constatei “*in loco*” que aquelas crianças não entendiam

ainda muitas palavras que ouviam em Português, nem sequer, conseguiam pronunciar corretamente algumas que falavam, pelo fato de ser o Guarani sua língua materna⁵.

Como o trabalho tinha o objetivo de analisar qualitativamente e relatar uma experiência de alfabetização em Guarani, desloquei-me então para a escola que desenvolvia essa experiência.

Começo o relato da experiência a partir do dia 12 de novembro de 1997, ocasião em que observei pela primeira vez o trabalho do professor Ládio, atuando na primeira série, classe “A”, da escola Nhadejara. Contudo, não sigo a ordem cronológica das minhas observações e nem dos dias e meses que elas aconteceram.

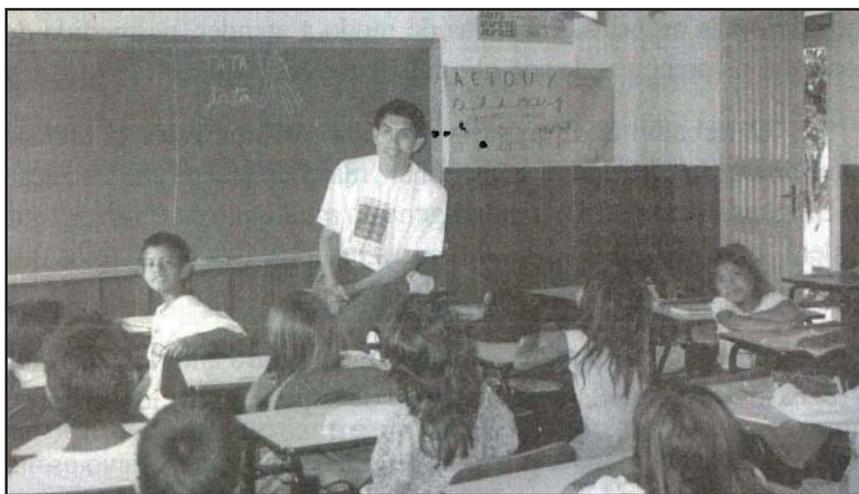


Foto: Antônio José Filho

Reserva de Caarapó. Escola Nhadejara. Turma de Alfabetização.

⁵ A alfabetização em Português se desenvolvia usando a técnica da palavra geradora e posterior fixação silábica, contudo, pelo fato da criança ter dificuldades em entender palavras do Português, apresentava-se uma palavra em Guarani, para posterior desenvolvimento das sílabas em Português.

O professor iniciou a aula argumentando sobre frutas que o índio gosta e faz bem para a saúde, tanto as nativas, quanto as que podem ser plantadas. Tinha como objetivo a ser alcançado nesta unidade didática a produção de texto na modalidade escrita em Guarani, uma vez que os alunos estavam sendo alfabetizados nesta língua.

A aula foi desenvolvida através dos seguintes passos metodológicos:

a) expressão oral em Guarani e às vezes em Português, sobre algumas frutas nativas e plantadas pelos índios, argumentando o motivo pelo qual algumas nativas não existem mais, o professor pedia sugestão às crianças, registrando no quadro de giz após a conversa com elas o nome da fruta sugerida, uma vez que na parte alta do quadro estava escrito a palavra **yva**, que em Guarani significa fruta, abaixo o professor durante o debate com os alunos registrava o nome das frutas em discussão, guavirami, pindo, guavira-pitã, pakuri, jarakatia, jatayva, guaporóity, pakova e mamone;

b) expressão através do desenho, sem nenhum modelo prévio, com base apenas no diálogo entre professor e a classe, as crianças começaram a desenhar as frutas cujos nomes se encontravam no quadro, todas desenhando nos seus respectivos cadernos e uma por vez era chamada para desenhar no quadro, no âmbito do elenco dos nomes registrados no quadro era livre a expressão através do desenho, podiam desenhar a fruta no caule, colhida ou no cacho, dependendo da espécie;

c) prática de leitura das palavras que estavam no quadro, com correções da pronúncia segundo a fonética da Língua Guarani;

d) formação de frases com as palavras em estudo, esta seqüência metodológica encerrou com uma prática de análise lingüística, ocasião em que as frases foram escritas no quadro de giz, e aquelas que apresentaram desvios segundo a lógica semântico-conceitual e formal da Língua Guarani falada e escrita na região, foram reestruturadas, com esta atividade, termina a fase de preparação para produção de texto que

foi retomada após o intervalo para a merenda da criançada.

Na segunda fase da aula, após o intervalo, o professor solicitou aos alunos que escrevessem, individualmente, uma história sobre as frutas já conhecidas ou sobre uma delas, orientou que a história deveria começar e acabar, para outra pessoa ler e entender o que estava escrito. São essas histórias que a seguir transcrevo, para demonstrar a prática de análise semântico-conceitual e formal utilizada para adequação dos textos, segundo a convenção regional da modalidade escrita da Língua Guarani. Por solicitação do professor, participei desta atividade dando sugestão, tendo como referência a lógica do Português escrito.

TEXTO ESCRITO (TE1) - MAMONE

**Peteĩ ava ikokuepe oñoty opaichagua hetave
oi mamone hi‘akyva, hi‘ajuva. Mamone he‘ẽ
hĩ ‘ajujave.**

Não estarei acrescentando nada de novo, em dizer que em qualquer tradução ocorre sempre perda e desfiguração do texto original, embora ciente disto, reproduzo para o Português, o texto acima escrito em Guarani, aproximando-o do que poderia entender o falante da Língua Portuguesa.

**Um índio plantou vários pés de mamão em
sua roça. Já tem bastante mamão verde e maduro.
O mamão quando amadurece fica doce.**

O texto acima em Guarani, sendo escrito por uma criança da primeira série, apresenta redundâncias, infrações na pontuação e incorreção na seqüência discursiva segundo a convenção da modalidade escrita do Guarani, na região.

A adequação dos textos escritos pelos alunos, à norma

convencionada para o Guaraní escrito, orientou-se pela prática de análise lingüística, já conhecida de alguns professores que trabalham com línguas numa concepção interacionista e lingüística textual. Trata-se da “correção” semântico-conceitual e formal, através de um texto de qualquer aluno escrito no quadro. Este texto é convertido em objeto de estudos lingüísticos, metalingüísticos e epilingüísticos para todos os alunos, sob a orientação do professor.

TEXTO ESCRITO (TE2) – PAKOVA

**Pakova hi‘ajuma kokuepe. ava oho o gueru
hi‘ajukue kokuegui, Pe kokuepe heta oĩ pakovaty oĩ avei
hi ajutamava úpea oikyti o ñongatu hi‘aju haguã. Hi‘aju
jave há‘e hesayju. Pe kokuepe pe ava oñoty mombyry
ojohugui hi‘a porã haguã.
Oi avei pakova karape, pakova yvate, pakova
karape guasu.**

REPRODUÇÃO PARA O PORTUGUÊS DO TEXTO ESCRITO (TE2).

**A banana já está amadurecendo na roça. O índio vai
então buscá-la. Na roça existem bastante pés de banana. Exis-
te também banana quase madura, que é cortada e guardada
para acabar de amadurecer. Quando amadurece, a banana fica
amarela.**

**A bananeira para dar bons frutos deve ser plantada
uma longe da outra. Existe banana nanica, banana alta e
nanição.**

Estou usando o termo reprodução em lugar de tradução, porque não se trata de uma tradução propriamente dita, mas o que se entende por aquilo que a criança intencionou dizer, o que é difícil até mesmo

pelos falantes da Língua Guarani, tendo em vista, as infrações lingüísticas próprias do aprendiz, iniciante na modalidade escrita da língua.

Na reestruturação do texto acima sobre pakova, selecionado entre os demais, produzidos pelos alunos da primeira série “A”, no dia dezenove de setembro de 1997, trabalhou-se em atividade coletiva, todos os problemas lingüísticos que o texto apresenta, tais como: uso da letra maiúscula após o ponto que indica fim de período; redundância; pontuação; ortografia e a organização das idéias no texto.

Após a atividade de reestruturação do texto no quadro, o professor solicitou aos alunos, que copiassem aquele texto no caderno e em seguida tentassem reestruturar seus próprios textos. Esta atividade foi reiniciada no dia seguinte, no qual não estive presente.

A ESCRITA GUARANI E AS DIVERGÊNCIAS ORTOGRÁFICAS

A Língua Guarani, ao longo dos séculos, vem sendo objeto de estudo dos mais diferentes ramos da ciência. Não obstante, são os lingüistas que têm se interessado mais, na estruturação desta língua na modalidade escrita. O interesse por este estudo tem conduzido para as regiões habitadas pelo povo Guarani, estudiosos de várias nacionalidades.

Ao ouvir os fonemas do Guarani falado pelos nativos, os estrangeiros procuram registrá-los seguindo as normas da fonética internacional, ou estabelecendo semelhanças com a ortografia das suas respectivas línguas. Este fenômeno, somado à vasta região habitada pela grande nação Guarani, que se estende aproximadamente do sul do estado de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e ainda os países da língua espanhola

como Uruguai, Paraguai e noroeste da Argentina, contribuem para existência de ortografias divergentes, das quais apresento três.

O Guarani falado mantém unanimidade fonética, a divergência ocorre na escrita, dependendo da região e do linguísta que estruturou a língua na modalidade escrita.

Aproximadamente noventa por cento das comunidades indígenas da microrregião da grande Dourados, usam o alfabeto Guarani da ortografia paraguaia, como é o caso de reserva indígena de Caarapó, e outras reservas situadas na fronteira do Brasil com aquele país.

Outras comunidades têm como referência para a escrita o trabalho realizado pelo Sammer Institute of Linguistics – SIL, realizado junto às comunidades indígenas de Dourados a partir da década de setenta, denominado Cartilha Kaiwá e Livro de Leitura Kaiwá.

É praticamente inexistente na região, o uso do alfabeto Guarani baseado na ortografia portuguesa⁶.

Essas informações serão a seguir explicitadas e exemplificadas.

ALFABETO DA GRAFIA GUARANI UTILIZADO NO PARAGUAI

Vogais

a, e, i, o, u, y, com seus respectivos som nasais: **â, ê, î, ô, û, ÿ**.

Consoantes

ch, g, g, h, j, k, l, m, mb, n, nd, ng, nt, ñ, p, r, s, t, v, (‘) pusó.
É considerado como uma consoante glotal.

⁶ A Língua Guarani, na modalidade escrita, na reserva de Caarapó, apóia-se no alfabeto da grafia Guarani do Paraguai, uma vez que os estudos desta língua são ainda incipientes no Brasil.

O **pusó** (**pu** = som; **so** = soltar, separar) é um símbolo empregado para destacar os sons entre vogais. Exemplos: **ku‘a** = cintura; **ka‘aguy** = mato

g – soa como que em castelhano. Assim:

ge, gi, gy,

se pronunciarão

gue, gui, guy

v – soa como w em alemão, é labiodental, pois se pronuncia rossando levemente os dentes superiores com o lábio inferior.

Ortografia Portuguesa

ALFABETO PRONÚNCIA APROXIMADA

a	como em português
ã	anasalado, porém aberto
c	ca, co, cu, como em português
ch	como em português
é	entre é aberto e ê fechado
e	com ressonância nasal
g	guá, gué, guí, como em português
g	g'e, g'i, como em inglês, alemão, etc.
h	aspirado como em inglês, alemão, etc.
i	como em português
î	gutural, como em chinês, coreano, etc.
i	com ressonância nasal
j	como em inglês (dj)
k	para as vogais e, i, î (ke, ki, kî)
m	com ressonância nasal
mb	b com ressonância nasal
n	com ressonância nasal

nd	d com ressonância nasal
ó	entre ó aberto e ô fechado
p	como em português
r	sempre brando, mesmo no início da palavra
s	ligeiramente aspirado
t	como em português
u	como em português
u	com ressonância nasal
v	ligeiramente aspirado como w em alemão

Ortografia Paraguaia	Ortografia Portuguesa
Kaiova	Caiova
Y	Î
Pakova	Pacová

O trabalho realizado pelo SIL – Summer Institute of Linguistics, no posto indígena de Dourados, denominado Cartilha Kaiwá e Livro de Leitura Kaiwá; que introduz a letra – W – usa a família silábica nha, nhe, nhi, nho, nhu, nhy, não existente na ortografia paraguaia, tornando a grafia um pouco diferente, por exemplo:

Ortografia Paraguaia	Ortografia do Summer
Ka'aguy	Ka'agwy
Kaiova	Kaiwá
Kuña	Kunha

CONCLUSÃO

A experiência com alfabetização de crianças Guarani na língua materna convenceu-me de que é possível construir uma proposta pedagógica, cuja configuração vem atender os preceitos metodológicos que requer uma escola indígena diferenciada, bilíngüe e intercultural.

A afirmação acima é procedente do que presenciei e dos registros que fiz através de observações sistematizadas, bem como, da minha participação nos eventos de capacitação dos professores índios a partir de julho de 1997, quando me integrei ao Programa Kaiowá/Guarani.

No decorrer das observações em sala de aula, ocasião em que registrei as atividades realizadas por professores e alunos, constatei que ao aprender escrever a língua que falam, as crianças se empenham com satisfação, além da aptidão que têm para desenhar.

Este passo inicial, deve-se ao trabalho do Conselho Indigenista Missionário - CIMI, Seção de Dourados, que há oito anos vem trabalhando na capacitação dos professores índios, ao Centro Universitário de Dourados - CEUD/UFMS e a partir de 1997, à Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, através do Programa Kaiowá/Guarani, cuja proposta, contempla a interdisciplinaridade, a pesquisa, produção de conhecimentos e intervenção.

Portanto, para que se tenha de fato e de direito a escola indígena Guarani diferenciada que se quer, além de criá-la e regularizá-la legalmente, há de se mobilizar a comunidade indígena no intuito de elaborar uma proposta pedagógica que de fato contemple uma educação bilíngüe e intercultural. Deste modo a Língua Guarani deve estar presente em todas as séries ao lado da Língua Portuguesa, a partir do momento em que esta língua for introduzida e dando a ambas o mesmo valor, distinguindo apenas nas suas especificidades sociolingüísticas.

Através das atividades que contemplam o ensino da Língua Guarani, pode-se objetivar o resgate da história, da cultura e do modo de viver do povo Guarani e, a partir desse resgate, sistematizar a educação, tendo em vista, a interculturalidade. Através do ensino da Língua Portuguesa, proporcionar ao índio acesso à cultura da sociedade envolvente para que se instrumentalize e seja um cidadão partícipe da sociedade brasileira, agilizando os meios de produção de que dispõe e intercambiando eficazmente com os demais setores econômicos da sociedade para que possa viver com dignidade.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA FILHO, José Carlos P. de. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas : Pontes, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia de linguagem*. São Paulo : Hucitec, 1986.
- BISOL, Leda e outros. *Interferência de uma segunda língua na aprendizagem da escrita*. Porto Alegre : PUC-RS, 1975.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & lingüística*. São Paulo : Scipione, 1990.
- CAMARA JR., J. Mattoso. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro : Livro Técnico, 1988.
- DUBOIS, Jean e outros. *Dicionário de lingüística*. São Paulo : Cultrix, 1973.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo : Contexto, 1996.

- GENERRE, Maurizio. *Linguagem escrita e poder*. São Paulo : Martins Fontes, 1991.
- GUASCHI, P. Antonio. *El Idioma Guarani - Gramática y Antologia de Prosa y Verso*. Asunción-Paraguay : Casa América - Moreno Hermanos, 1959.
- _____. *Diccionario Castellano-Guarani y Guarani-Castellano*. Centro de Estudios Paraguayos "Antonio Guasch" (CEPAG). Assuncion-Paraguai : Litocolor, 1996.
- GUDSCHINSKY, Sarah C. *Some relational post-positinals of Guarani*. Dourados-MS : Summer Insitute of Linguistics, [s.d.].
- HALLIDAY, M. A K. e outros. *As ciências lingüísticas e o ensino de línguas*. Petrópolis : Vozes, 1974.
- JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. São Paulo : Cultrix, 1972.
- JOSÉ FILHO, Antonio. *Variação lingüística: texto falado e escrito*. In: *Multitemas*, Campo Grande : UCDB, n. 1, p. 18-44, 1996.
- _____. *O repertório verbal dos manuais de ensino para o meio rural*. São Paulo, 1984. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais.
- LOPEZ, Luiz Henrique. In: SEKY, Lucy. *Lingüística indígena e educação na América Latina*. Campinas : Unicamp, 1993.
- MAHER, Terezinha de Jesus Machado. *Ser professor sendo índio: questões de língua e identidade*. Campinas, 1996. Tese (Doutorado) - UNICAMP.
- MEC. *Políticas Lingüísticas y Educación Bilingüe*. Asunción-Paraguai : Comición Nacional de Bilingüismo, 1997.
- MELIÁ, Bartolomeu. *Bilingüismo*. In: 10º Cole. Campinas : Unicamp, 1995.

- _____. *Educação indígena e alfabetização*. São Paulo : Loyola, 1979.
- MCLAREN, Peter. *Rituais na escola*. Petrópolis : Vozes, 1992.
- MORI, Angel Corbera. In. SEKY, Lucy (Org.). *Aspectos sócio-lingüísticos dos sistemas ortográficos das línguas amazônicas do Peru*. Campinas : UNICAMP, 1997.
- MORI, Angel Corbera. *Aspectos técnicos e políticos na definição de ortografias de línguas indígenas*. In: 10º Cole. Campinas : Unicamp, 1995.
- ORVALÁN, Graziela. *El bilingüismo en América Latina*. Asunción-Paraguay : Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos (CPES), 1977.
- PAIS, Cidmar Teodoro. *Ensaio semióticos*. Petrópolis : Vozes, 1977.
- PERALTA, Anselmo Jover. *Diccionario Guarani - Español y Español Guarani*. Buenos Aires : Tupã, 1950.
- STEPHANY, Ursula Klara Johanna. Tópicos psicolingüísticos e sociolingüísticos na aquisição e ensino de línguas estrangeiras. *Rev. de Letras*, Fortaleza : Universidade Federal do Ceará, n. 1, v. 18, jan./jun. 1996.
- TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. *Dicionário Guarani-Português*. São Paulo : Traço, 1988.
- VAL, Maria da Graça Costa. *Redação e textualidade*. São Paulo : Martins Fontes, 1993.